

CAPÍTULO 8

Pimenta, E., Pereira, B & Lourenco, L. M. (2011). Bullying: efeitos de um programa de intervenção no recreio escolar In A.J. Barbosa, L. M. Lourenço, & M. B. Pereira (Orgs.), *Bullying. Conhecer & intervir.* (pp. 125-139). Juiz de Fora, Editora UFJF

Bullying: efeitos de um programa de intervenção no recreio escolar

Eliana Pimenta
Beatriz Pereira
Lélio Moura Lourenço

INTRODUÇÃO

A escola tem uma função social crescente, visto que é nela que crianças e jovens passam grande parte da sua vida.

Pereira, Neto & Smith (1997: 238) referem que os espaços e tempos de recreio apresentam um grande potencial das escolas, pois é no recreio que as crianças passam uma grande parte do tempo. Para a maioria das crianças o recreio representa um espaço de grande prazer, onde elas convivem entre si, brincam, jogam, interagem, etc., favorecendo desta forma o seu desenvolvimento motor e a socialização.

O recreio da escola é um espaço fundamental para o desenvolvimento da personalidade da criança e, como espaço de jogo que é, tem sido, segundo vários autores, um pouco negligenciado (Neto, 2007).

Por vezes, não nos apercebemos da importância do poder educativo destes espaços, pois não há actividades dirigidas, zonas atractivas, nem supervisão capaz de dar resposta às necessidades dos alunos.

Segundo Pereira (2008), são necessários novos olhares sobre estes espaços como espaços de jogo, mas também por serem os locais onde o *bullying* é mais frequente. É necessário reflectir sobre os períodos de tempo livre que as crianças dispõem na escola. À escola compete promover o desenvolvimento de competências na criança que lhe permita gerir o seu tempo, em

particular o tempo livre, proporcionando-lhe momentos de actividade lúdica livre e espontânea, favorecendo a sua autoformação. Vários investigadores têm dado particular atenção aos comportamentos agressivos das crianças em contexto escolar e, nomeadamente, no recreio. Estes procuram respostas para um problema que parece agravar-se.

A intervenção na escola para prevenir ou limitar o *bullying* deve fazer-se o mais cedo possível, antes de se desenvolverem padrões de agressividade nas crianças e de se formarem grupos fortes e unidos (Olweus, 1993; Boulton, 1995). O acesso a equipamentos móveis de jogo e a supervisão são factores que parecem estar associados à redução dos comportamentos de agressão/vitimação.

A escola, em estudo durante o período de recreio, entrega aos alunos uma bola de futebol; é uma experiência única ver o recreio, ver a velocidade estonteante com que os alunos saem da sala de aula para ter acesso a essa bola. Por outro lado, vemos a lentidão com que regressam à mesma, o que leva a uma questão: Por que é que tal acontece? Essa velocidade não terá a ver com o sentimento de liberdade vivenciada pela criança, pela fuga das rotinas ou, no caso dos rapazes, pela aquisição da bola, pois sabem que fora isso não terão acesso a mais material? E as raparigas, qual é o material lúdico que lhes é destinado?

O que nos preocupa, em relação ao recreio escolar, é a restrição das actividades e materiais. É preocupante o modo como esse espaço de tempo está a ser utilizado pelas crianças, e impõe-se perguntar: Será que as crianças estão realmente a conseguir recrear durante o recreio? Embora a escola disponha de balizas, cestos de basquetebol e outros espaços, não lhes é permitido trazer de casa as bolas que fazem a felicidade deles. O que se verifica é que o recreio está a passar despercebido no contexto escolar, isto porque é visto como um espaço improdutivo. Neste sentido, percebe-se que as necessidades dos alunos não estão a ser consideradas. Este estudo tem como uma das principais preocupações chamar a atenção e relembrar para o facto de o recreio fazer parte do período educacional da escola. Se o recreio é um espaço para recrear, qual será o valor atribuído pela escola ao recreio escolar? Será que estimula o brincar da criança?

Com a intervenção e alteração do recreio com materiais lúdicos, procuramos alertar para a possibilidade de utilizar este local, rico pelas suas relações sociais, como espaço de educação para a cidadania. É fundamental que o recreio escolar estimule o jogo, pela importância que tem no desenvolvimento da criança; que promova a aprendizagem e que suporte as necessidades da criança em termos sociais, físicos, cognitivos, colocando-a em desafios constantes.

Tendo em conta esta problemática, é objectivo fundamental deste estudo, por um lado, verificar se a intervenção no recreio tem efeitos no aparecimento ou não de determinados comportamentos de agressão/vitimação e, por outro, conhecer o tipo de recreio preferido pelas crianças e as representações que têm de cada um. Os alunos experimentam dois recreios diferentes em duas semanas, estas alterações acontecem no espaço de recreio sem lhes ser dada qualquer informação prévia.

RECREIOS E BULLYING

As crianças, quando transitam do ensino pré-escolar para o ensino básico, entram numa instituição onde o jogo, o brincar é pouco valorizado. A escola oferece às crianças poucas oportunidades de praticarem actividades lúdicas autodirigidas. Essas oportunidades, quando existem, estão geralmente reservadas ao recreio, durante os intervalos das actividades lectivas.

Os recreios escolares são locais de encontro e interacção social que podem assumir formas positivas ou negativas. Estes têm sido objecto de estudo devido ao elevado número de comportamentos antissociais, agressivos e de indisciplina que aí têm lugar. A investigação sobre a agressividade/*bullying* no recreio da escola é crescente, visto que os problemas se verificam principalmente neste espaço e se reflectem negativamente no trabalho da sala de aula (Blatchford et al., 1990).

O *bullying* escolar tem gerado grandes preocupações por ser um fenómeno bastante frequente, complexo e ainda pouco trabalhado nas escolas, e quando isto acontece nem sempre é eficiente, pela forma como se manifesta e pela pouca consciencialização nos meios educacionais. Normalmente a agressão ocorre fora do campo de visão dos professores.

É necessário reinventar os recreios das escolas para prevenir o *bullying*: repensar a supervisão e o acesso a equipamentos móveis. Os espaços reduzidos, sem equipamentos de jogo, são espaços monótonos, aborrecidos, que parecem estar associados ao *bullying* (Pereira et al., 2002).

A ocupação dos tempos livres dos alunos é uma preocupação dos órgãos de gestão das escolas no sentido de evitar os comportamentos inadequados (agressividade/*bullying*, desobediência, etc.) que são provocados normalmente pela "falta de algo mais interessante para fazer". A falta de diversificação do espaço, número excessivo de alunos, a marginalização de algumas crianças e as poucas oportunidades de bem-estar são factores referidos por Pereira, Neto & Smith (1997: 241) para justificar a quantidade de agressões e conflitos na escola.

Os conflitos (abuso de poder, insultos, lutas) surgem com mais frequência quando as crianças têm que competir pelo pouco espaço e recursos do recreio (Pereira et al., 1997: 241).

Segundo Neto (1992), as crianças ocupam o seu tempo nas actividades possíveis em função da estimulação do meio envolvente, provavelmente os recreios escolares não dão resposta às necessidades das crianças.

O *Council on Physical Education for Children* e a *National Association for Sport and Physical Education* (COPEC, 2001) recomenda que os adultos devem intervir directamente quando a segurança física ou emocional da criança está posta em causa. A existência de *bullying* ou comportamentos agressivos não devem ser permitidos e as regras de segurança devem ser enfatizadas.

Pereira (2002: 99) considera que “a agressividade nas escolas começa a preocupar os docentes e as direcções das escolas. O *bullying* é reconhecido pela escola como um problema real para o qual é necessário encontrar solução”.

O jogo tem um papel preponderante nas interacções sociais, tornando-se pertinente reflectir sobre a necessidade da existência de um lugar e um tempo para as crianças desenvolverem actividades menos estruturadas e mais abertas, proporcionando assim um maior autodomínio. É do conhecimento geral que, devido à explosão demográfica e às profundas alterações na sociedade portuguesa, a criança possui cada vez menos espaço para brincar; por consequência as suas necessidades básicas de movimento não são satisfeitas. Porque não oferecer às crianças meios físicos e sociais para que possam expressar-se livremente nas mais diversas actividades lúdicas? A actividade lúdica assume um papel preponderante na vida das crianças, que parece até ser a sua própria razão de ser; pois permite-lhe inventar, competir, comunicar, destruir... Possuindo tempo e espaço para a actividade lúdica, todos estes meios de expressão constituem factores relevantes que contribuem para o desenvolvimento da criança numa perfeita harmonia. Como em todas as acções da criança, o importante no jogo não é o produto mas sim o processo, apenas pelo simples prazer de jogar.

INTERVENÇÃO NO RECREIO E PREVENÇÃO DO *BULLYING*

Blatchford et al. (1990), Santiago (1996), Pellegrini (1995), Pereira et al. (2002) salientam o facto de as crianças gostarem normalmente do recreio; mesmo quando as condições do espaço não são as melhores, os próprios alunos apontam algumas razões para este sentimento positivo: não há controlo dos adultos, descansam do trabalho escolar, divertem-se, brincam e conversam com os amigos e realizam jogos à sua vontade.

Entre outras estratégias de intervenção visando diminuir a taxa de incidentes violentos nos espaços escolares, e aumentar as condições para o desenvolvimento motor e social dos alunos, o enriquecimento de envolvimentos e espaços de jogo tem demonstrado ser uma ideia com sucesso (Pereira, Neto & Smith, 1997; Blatchford & Sharp, 1994).

Existem duas razões principais que levam os investigadores a darem tanta importância à intervenção no recreio como forma de controlar e reduzir os incidentes de *bullying* na escola: o tempo que os alunos lá passam e a quantidade elevada de conflitos, agressões e vitimação que se verificam nesse espaço. Uma das soluções parece passar pela ocupação dos alunos durante os seus tempos livres dentro da escola. A intervenção no recreio como meio de prevenção do *bullying* tem que fazer parte de um projecto global de toda a escola e comunidade educativa envolvente. O problema é demasiado complexo para ser tratado apenas com mudanças numa parte isolada da escola.

É fundamental a participação de todos os membros da comunidade escolar para mostrarem os seus pontos de vista e a criação de canais de comunicação com todos os que são responsáveis pelas tomadas de decisão.

Os melhoramentos do recreio são um meio de promover jogos e actividades estimulantes, agradáveis e que vão ao encontro das necessidades de desenvolvimento dos alunos. Estes devem ter liberdade para percorrer o seu espaço explorando-o e transformando-o (Pereira et al., 1997: 245). É fundamental um espaço de recreio bem equipado e convidativo que estimule actividades positivas. É do conhecimento geral que o espaço físico influencia o estado psicológico. Segundo Amado (2002: 17-18), “Os jogos no recreio podem proporcionar à criança a oportunidade de, por ela própria, aprender a lidar com várias formas de conflito e de se proteger de eventuais maus tratos dos seus companheiros”.

Uma imagem de escola acolhedora, atraente, reflexo do investimento de toda a comunidade educativa no processo de construção e reconstrução do seu espaço envolvente, de acordo com a sua própria realidade regional e cultural é uma boa razão para investir no recreio (Pereira et al., 1997).

Pereira, Neto & Smith (1997) propõem alterações radicais de risco e aventura no recreio, a construção de cabanas em árvores e labirintos com arbustos no solo, a transformação de parte do recreio num “espaço de aventura, olaria, carpintaria, horta ou quinta com criação de animais”. Segundo os autores, esta proposta, talvez utópica, deveria ser tentada durante alguns anos, e depois avaliadas “as suas vantagens na estruturação motora, cognitiva e social dos alunos”.

O espaço preferido para passar o tempo livre é o recreio – espaço exterior onde o controlo por parte dos adultos é menos sentido. Muitas crianças referem a necessidade de ar livre e espaços abertos para “compensar” as horas passadas dentro das salas de aula (Pereira, 1997, 2008). A introdução de equipamentos móveis lúdicos no recreio é uma forma de aumentar as opções de actividades para a criança no seu curto intervalo entre as obrigações escolares.

Os espaços de jogo devem ir ao encontro das necessidades da criança e ao mesmo tempo dar garantias mínimas de segurança. Deverão ser consideradas diversas áreas para a realização de actividades diferenciadas – zonas de actividade organizada e zonas de actividades livres – deixando cada criança escolher a actividade a realizar (Neto, 1994).

Dempsey & Strickland (1993) salientam os aspectos positivos da inclusão de materiais soltos no espaço de recreio:

1. *Encorajam a criança a manipular o seu envolvimento* – a aprendizagem faz-se pela manipulação e interacção de materiais;
2. *Permite maior quantidade e variabilidade de movimentos* – representam um maior conjunto de variáveis que é possível manipular;
3. *São utilizáveis por crianças de diferentes idades* – cada um utiliza-os consoante as suas necessidades;
4. *Permite mudanças constantes* – a novidade está sempre presente; quando uma situação provoca cansaço à criança, ela altera o seu espaço e cria novos jogos com os mesmos materiais;

5. *Promovem uma grande variedade de comportamentos de jogo* – dos jogos de movimento quando se transportam materiais de um lado para o outro, aos jogos dramáticos quando se sentam a brincar às casinhas, dos jogos paralelos dos mais pequenos na areia com pás e baldes aos jogos de construção dos mais velhos no mesmo local e com os mesmos materiais.

Existem duas razões principais para questionar a criança sobre o recreio, os jogos que pratica e os que gostaria de praticar, as dificuldades que sente, as suas necessidades, as suas propostas de solução para os problemas, etc. (Blatchford, et al., 1990: 164): *as crianças são “especialistas”, conhecem realmente o seu recreio e sabem o que lá se passa; qualquer melhoramento para ser eficaz tem que ter em conta os seus pontos de vista.*

PROGRAMA DE INTERVENÇÃO

As funcionárias levavam para o local pré-determinado os cestos com os diferentes materiais lúdicos, sendo alguns produzidos por eles; inicialmente, foi efectuado um levantamento das necessidades das crianças, da oferta lúdica existente, dos recursos locais e dos gostos e expectativas. Após este levantamento, fizemos uma lista de materiais a introduzir no recreio.

A intervenção consistiu na introdução no espaço de recreio, dos materiais apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Descrição dos brinquedos pré e pós programa de intervenção.

BRINQUEDOS TRADICIONAIS	QUANTIDADE	BRINQUEDOS ACTUAIS	QUANTIDADE
Andas	4	Arcos	10
Arco e Gancheta	2	Balões	20
Carrinho de Rolamentos	1	Bola de Basquetebol	2
Corda	20	Bola de Futebol	2
Elástico	5	Bola de Iniciação Voleibol	2
Iô-Iô	20	Raquetes	10
Jogo da Macaca	2	Rádio	1
Jogo da Malha	2		
Moinho de Vento	27		
Pião	5		
Sacos de Serapilheira	5		
Telefone de Cordel	25		

Os materiais foram colocados no recreio, deixando ao critério dos alunos a sua utilização. Não foram dadas instruções nem incentivos sobre a sua utilização.

Os alunos no início do intervalo escolhiam o material e no final voltavam a colocá-lo no mesmo sítio. Desde logo começaram a organizar-se em grupos com os diferentes jogos e materiais; foi maravilhoso assistir à reacção de alegria dos alunos e o cuidado demonstrado com o material. A supervisão era feita pelas funcionárias, que participaram na animação a pedido das crianças, como, por exemplo, quando queriam andar nas andas ou com o arco e gancheta.

Visando a avaliação da intervenção, foi aplicado um questionário antes e outro após a intervenção, sendo que este difere ligeiramente do usado no primeiro levantamento, tendo sido incluídas novas questões relativas aos melhoramentos do recreio.

Nesta investigação, o instrumento utilizado para estudar os comportamentos e práticas de *bullying* na escola durante o recreio foi elaborado com base no questionário construído por Olweus (1989), adaptado à população portuguesa por Beatriz Pereira e Ana Tomás (UM, 1994) e revisto por Pereira (UM, 2006).

Os dados foram recolhidos antes e após a intervenção, depois dos primeiros dados terem sido analisados, e serviram de suporte à intervenção.

O segundo momento consta da intervenção e alteração do recreio com a aplicação de materiais móveis, durante duas semanas.

A amostra deste estudo é constituída por 162 alunos de sete turmas do 2.º, 3.º e 4.º ano de escolaridade, de ambos os sexos (86 do sexo masculino, 53.1%, e 76 do sexo feminino, 46.9%), com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos, cuja média é de 8 anos e um desvio padrão de 0.960. Na Tabela 2, podemos observar a distribuição da amostra por ano de escolaridade.

Tabela 2. Distribuição da amostra por ano de escolaridade.

ANO DE ESCOLARIDADE	N	%
2º Ano	70	43,2
3º Ano	46	28,4
4º Ano	46	28,4
Total	162	100,0

AVALIAÇÃO DOS EFEITOS DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO NO RECREIO DA ESCOLA

Os resultados serão apresentados antes e após a intervenção com o objectivo de avaliarmos a eficácia do programa na prevenção dos comportamentos de *bullying*.

Este estudo avaliou os efeitos do programa de intervenção, em 162 alunos. Foi designado por “Pré”, antes da avaliação, e por “Pós”, depois da avaliação; tendo sido comparados o primeiro com o segundo momento de avaliação. Estamos, portanto, a tratar a mesma amostra em dois momentos de avaliação distintos.

VÍTIMAS E AGRESSORES

Como se pode observar na Tabela 3, existe uma diminuição da percentagem de vitimação do primeiro momento para o segundo de avaliação, em ambos os gêneros, sendo o valor de $p < 0,01$. Relativamente aos níveis de agressão, verificamos uma diminuição muito significativa ($p < 0,000$) na percentagem de agressão, em ambos os gêneros, principalmente para o gênero masculino.

Tabela 3. Níveis de vitimação e agressão antes e após a intervenção

PAPÉIS		GÊNEROS				TOTAL	
		MASCULINO		FEMININO			
		PRÉ	PÓS	PRÉ	PÓS	PRÉ	PÓS
Vítima	Sim	n = 35	n = 18	n = 17	n = 14	n = 52	n = 32
		40,70%	20,90%	22,40%	18,40%	32,1%	19,8%
	Não	n = 51	n = 68	n = 59	n = 62	n = 110	n = 130
		59,30%	79,10%	77,60%	81,60%	67,9%	80,2%
Agressor	Sim	n = 23	n = 5	n = 5	n = 2	n = 28	n = 28
		26,70%	5,80%	6,60%	2,60%	17,3%	17,3%
	Não	n = 63	n = 81	n = 71	n = 74	n = 134	n = 155
		73,30%	94,20%	93,40%	97,40%	82,7%	95,7%

Verificamos que as raparigas foram menos vezes vítimas em relação aos rapazes e também menos agressivas, sendo as diferenças significativas. Ou seja, os rapazes agredem com maior frequência - 26,7% - comparativamente com 6,6% de agressoras. Observamos também que a percentagem diminuiu após a intervenção, para o gênero masculino de 26,7% passaram para 5,8%, e para o gênero feminino de 6,6% passaram para 2,6%. Relativamente à vitimação, os rapazes também são vitimados com mais frequência - 40,7% - comparando-se com os 22,4% das raparigas. Tendo estes valores diminuído com a intervenção para 20,9% e 18,4% respectivamente. Verificamos que uma intervenção de apenas duas semanas fez com que os alunos ocupassem o seu tempo com actividades estimulantes, e o recreio tornou-se um local que dá resposta às necessidades das crianças.

LOCAIS DE VITIMAÇÃO/AGRESSÃO POR GÊNERO

Na análise relativa aos locais, observamos uma menor percentagem de alunos que foram vitimados após a intervenção, em todos os locais, continuando o recreio a ser o mais referido, mas onde se verificou uma diminuição mais significativa das práticas de vitimação/agressão (Tabela 4).

No estudo de diagnóstico das práticas de agressão/vitimação, 53,7% da amostra identificou o recreio como o local onde essas práticas eram mais frequentes; após a intervenção, verificamos que a percentagem para esse local foi de 37,0%, sendo a diferença significativa. Verificamos também que o segundo local mais referido continuou a ser “na cantina”, mas foram nestes locais que a avaliação da intervenção registrou resultados mais significativos.

Para o local “Em lado nenhum”, observamos diferenças significativas do primeiro para o segundo momento de avaliação, para ambos os gêneros.

Tabela 4. Locais de vitimação/agressão por gênero

LOCAIS	GÊNEROS				TOTAL		SIG.
	MASCULINO		FEMININO		PRÉ	PÓS	
	PRÉ	PÓS	PRÉ	PÓS			
Em lado nenhum	n = 27	n = 44	n = 35	n = 41	n = 62	n = 85	
	31,4%	51,2%	46,1%	53,9%	38,3%	52,5%	
Nos corredores e nas escadas	n = 12	n = 9	n = 7	n = 10	n = 19	n = 19	
	14,0%	10,5%	9,2%	13,2%	11,7%	11,7%	
No recreio	n = 53	n = 32	n = 34	n = 28	n = 87	n = 60	
	61,6%	37,2%	44,7%	36,8%	53,7%	37,0%	
Na sala	n = 9	n = 4	n = 1	n = 4	n = 10	n = 8	
	10,5%	4,7%	1,3%	5,3%	6,2%	4,9%	
Na cantina	n = 17	n = 6	n = 7	n = 4	n = 24	n = 10	
	19,8%	7,0%	9,2%	5,3%	14,8%	6,2%	
Nas casas de banho	n = 4	n = 5	n = 4	n = 5	n = 8	n = 10	
	4,7%	5,8%	5,3%	6,6%	4,9%	6,2%	
Nos balneários	n = 1				n = 1		----
	1,2%				0,6%		
Noutro sítio	n = 4		n = 2		n = 6		----
	4,7%		2,6%		3,7%		

Estes dados corroboram com o estudo de Marques et al. (2005), no qual se verificou que o recreio é o local em que acontece a maior parte destes comportamentos (70% a 75%), seguindo-se os corredores e escadas (30% a 35%) e a sala de aula (cerca de 30%).

FORMAS DE VITIMAÇÃO POR GÊNERO

Como verificamos na Tabela 5, em todas as formas de vitimação houve uma diminuição na percentagem de alunos vitimados, após a intervenção.

Tabela 5. Formas de vitimação/agressão por Gênero

FORMAS DE VITIMAÇÃO/ AGRESSÃO	GÊNEROS				TOTAL		SIG.
	MASCULINO		FEMININO		PRÉ	PÓS	
	PRÉ	PÓS	PRÉ	PÓS			
Bateram-me, deram-me murros ou pontapés	n = 36 42,4%	n = 24 27,9%	n = 24 31,6%	n = 14 18,4%	n = 60 37,3%	n = 38 23,5%	0,007 **
Tiraram-me coisas	n = 20 23,3%	n = 11 12,8%	n = 3 3,9%	n = 7 9,2%	n = 23 14,2%	n = 18 11,1%	NS
Meteram-me medo	n = 12 14,0%	n = 7 8,1%	n = 9 11,8%	n = 8 10,5%	n = 21 13,0%	n = 15 9,3%	NS
Insultar	n = 41 47,7%	n = 30 34,9%	n = 30 39,5%	n = 26 34,2%	n = 71 43,8%	n = 56 34,6%	NS
Andaram a falar de mim, dizem segredos sobre mim	n = 22 25,6%	n = 13 15,1%	n = 20 26,3%	n = 19 25,0%	n = 42 25,9%	n = 32 19,8%	NS
Não me falaram	n = 15 17,4%	n = 6 7,0%	n = 2 2,6%	n = 8 10,5%	n = 17 10,5%	n = 14 8,6%	NS
Difundiram imagens	n = 4 4,7%	n = 1 1,2%	n = 2 2,6%		n = 6 3,7%	n = 1 0,6%	NS
Fizeram-me outras coisas	n = 9 10,5%	n = 10 11,6%	n = 1 1,3%	n = 4 5,3%	n = 10 6,2%	n = 14 8,6%	NS

As formas “insultar” e “bater, dar murros e pontapés” continuam a ser as mais referidas, mas, após a intervenção, observamos que a forma “bater, dar murros e pontapés” foi onde se registrou uma diminuição significativa para ambos os gêneros.

REPRESENTAÇÕES DO RECREIO

Face à questão “Gostas do Recreio?”, observamos na Tabela 6 que, para ambos os gêneros, a percentagem de alunos que gosta do recreio aumentou significativamente ($p < 0,001$).

Tabela 6. Representação do recreio por gênero

		GOSTAS DOS RECREIOS				TOTAL	
		NÃO GOSTO		GOSTO		PRÉ	PÓS
		PRÉ	PÓS	PRÉ	PÓS		
Masculino	n	11	0	75	86	86	86
	%	12,8	0,0	87,2	100,0	100,0	100,0
Feminino	n	8	4	67	72	75	76
	%	10,7	5,3	89,3	94,7	100,0	100,0

Total	n	19	4	142	158	161	162
	%	11,8	2,5	88,2	97,5	100,0	100,0

Relativamente ao espaço para brincar, observamos (quadro 7) um aumento de 86,6% para 94,4% de alunos que responderam afirmativamente, sendo as diferenças significativas ($p=0,029$).

Tabela 7. Espaço para brincar no recreio

ESPAÇO PARA BRINCAR		GÊNERO				TOTAL	
		MASCULINO		FEMININO			
		PRÉ	PÓS	PRÉ	PÓS	PRÉ	PÓS
Sim	n	72	82	64	71	136	153
	%	85,7	95,3	87,7	93,4	86,6	94,4
Pouco	n	8	3	6	5	14	8
	%	9,5	3,5	8,2	6,6	8,9	4,9
Nenhum	n	4	1	3	0	7	1
	%	4,8	1,2	4,1	0,0	4,5	0,6
Total	n	84	86	73	76	157	162
	%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Quanto aos materiais de jogo, a percentagem de alunos que responderam “Sim” aumentou de 18,4% para 84,6%, com o valor de $p<0,000$ (Tabela 8).

Tabela 8. Materiais de jogo no recreio

MATERIAIS DE JOGO		GÊNEROS				TOTAL	
		MASCULINO		FEMININO			
		PRÉ	PÓS	PRÉ	PÓS	PRÉ	PÓS
Sim	n	19	70	10	67	29	137
	%	22,6	81,4	13,5	88,2	18,4	84,64
Pouco	n	36	15	23	9	59	24
	%	42,9	17,4	31,1	11,8	37,3	14,8
Nenhum	n	29	1	41	0	70	1
	%	34,5	1,2	55,4	0,0	44,3	0,6
Total	n	84	86	74	76	158	162
	%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Face à questão “Gostas do recreio?”, observamos que, para ambos os sexos, a percentagem de alunos que gostam do recreio aumentou; após a intervenção, 100%

dos rapazes referiram gostar do recreio e apenas 5,3% das raparigas referem não gostar ($p < 0,001$). Face às restantes questões, os alunos referem que têm espaço para brincar, mas relativamente aos materiais de jogo a percentagem de alunos que assinalaram “Sim” como resposta aumentou de 18,4% (antes da intervenção) para 84,6% (após a intervenção), sendo as diferenças significativas ($p < 0,000$). De facto, o problema mais sério do recreio exterior era a ausência de equipamentos lúdicos diversos (bolas, cordas, etc.).

Concluimos a análise dos resultados deste estudo com a avaliação global relativamente aos melhoramentos realizados no recreio, tendo sido afirmado que o recreio melhorou muito para 85,2% dos alunos. Relativamente ao acesso dos alunos a equipamentos móveis no recreio, 85,2% assinalaram a existência de muitos equipamentos para jogarem no recreio (bolas, cordas, etc.).

Os alunos, quando questionados sobre a sua participação no melhoramento do recreio, tinham como opções de resposta “Sim, muito” e “Sim, bastante”, que foram agrupadas em “Sim”; “Não sei”, “Não ajudei quase nada” e “Não ajudei nada”, que foram agrupadas em “Não”. Verificamos que 56,2% participaram no melhoramento, 17,9% assinalaram que não sabem e 25,9% referem não ter ajudado.

CONCLUSÕES

Este estudo visou a prevenção e redução dos comportamentos de *bullying* e o conhecimento das preferências dos alunos em relação aos diferentes tipos de recreio experimentados por eles.

No nosso estudo, observou-se uma redução das práticas de vitimação e de agressão do primeiro para o segundo momento de avaliação, em ambos os gêneros. Os rapazes agridem com maior frequência 26,7%, comparativamente com os 6,6% de agressoras. A percentagem diminuiu, após a intervenção, para o gênero masculino dos 26,7% para os 5,8%, e para o gênero feminino dos 6,6% para os 2,6%. Relativamente à vitimação, os rapazes também são vitimados com mais frequência - 40,7% - comparando com os 22,4% das raparigas, tendo estes valores diminuído com a intervenção para 20,9% e 18,4% respectivamente. Mediante os resultados observados para a vitimação e agressão persistente, houve sucesso da intervenção, em particular para o gênero masculino, expresso na redução de *bullying*.

Nos dois momentos de avaliação, pré e pós intervenção, o recreio foi o local de agressão/vitimação mais referido pelas crianças; tendo a percentagem diminuído dos 53,7% para os 37,0%. Relativamente aos restantes locais, verificou-se uma menor percentagem de alunos que foram vitimados em todos os locais. Para as formas de vitimação observamos que as mais referidas pelos alunos foram “insultar”, seguida de “bater, dar murros e pontapés” e “andar a falar de mim, dizer segredos”. Após a intervenção, verificamos que as percentagens diminuíram em todas as formas para ambos os gêneros. Analisando por gênero, a redução foi verificada sobretudo no gênero

masculino, uma vez que em algumas formas específicas assistimos mesmo a um ligeiro incremento da incidência de *bullying* nas raparigas.

Apesar dos índices de *bullying* registrados no recreio, 88,2% dos alunos referem gostar do recreio; aumentando para 97,5% após a intervenção. Relativamente ao espaço para brincar, observamos um aumento de 86,6% para 94,4% de alunos que responderam afirmativamente. Quanto a terem materiais de jogo no recreio, a percentagem aumentou de 18,4% para 84,6%. Quando questionados sobre a sua participação no melhoramento do recreio, 56,2% referem ter ajudado, 17,9% assinalaram “não sei” e 25,9% assinalaram “não”.

Estes resultados vão de encontro ao estudo de Pereira et al. (2004), onde os resultados indicam uma grande percentagem de vítimas e agressores: 20% e 16%, respectivamente; sendo a percentagem de vítimas e agressores mais elevada para o gênero masculino. Reportam, também, esta problemática para o recreio escolar seguido dos corredores e sala de aula. Apesar destes dados, 87% das crianças referem gostar muito do recreio escolar.

Após a análise dos resultados do nosso estudo, podemos confirmar que a introdução de materiais lúdicos no recreio reduz os comportamentos agressivos dos alunos, principalmente para o gênero masculino. Os resultados apontam para uma redução das práticas de agressão/vitimação no recreio após a intervenção. O efeito positivo quanto à redução do *bullying* depois da intervenção no recreio pode ser explicado pela diversidade dos materiais introduzidos no recreio.

De facto, os problemas mais sérios nos espaços exteriores são a ausência de equipamentos lúdicos diversos e a supervisão. Mediante este cenário, a escola deve organizar-se em função dos alunos, dando resposta às suas necessidades, facilitando a sua socialização e o seu desenvolvimento integral.

No recreio é comum surgirem conflitos e agressões devido ao tipo de actividades que se realizam: correr, saltar, jogar à bola etc.. Mas, se houver possibilidade de escolha, as crianças mantêm-se ocupadas com jogos e brincadeiras do seu agrado, interagindo com os seus pares de uma forma saudável, sem zangas nem atropelos. É fundamental um espaço de recreio bem equipado e convidativo que estimule actividades positivas. Desta forma os alunos não utilizarão a agressividade como forma de passar o tempo.

A nível do recreio exterior, observaram-se melhoramentos quanto à possibilidade de uso de material móvel de apoio à actividade lúdica.

REFERÊNCIAS

Amado, J. & Freire, I. (2002). *Indisciplina e violência na escola. Compreender para prevenir*. Porto: Edições Asa.

Blatchford, P., Creaser, R., & Mooney, A. (1990). *Playground games and playtime: the children's view*. Educational Research, 32, 3 163-174.

- Blatchford, P. & Sharp, S. (Ed.) (1994) – *Breaktime and the School: Understanding and Changing Playground Behaviour*, London and New York: Routledge.
- Boulton, M. J. (1995). Playground Behaviour and Peer Interaction Patterns of Primary School Boys Classified as Bullies, Victims and Not Involved, *British Journal of Educational Psychology*, 65, 16-177.
- COPEC. (2001). Recess in elementary schools. A Position Paper from the National Association For Sport and Physical Education (Online).
- Dempsey, J. & Strickland, E. (1993). The “Why”s Have It! –Why and Why not to Include Loose Parts on the Playground, in Guddemi, M. & Jambor, T. (Ed.) (1993) *A Right to Play – Proceeding of the American Affiliate of the International Association for the Child’s Right to Play*, Denton, Texas, September 17-20, 1992, Little Rock, AR: Southern Early Childhood Association, 91-96.
- Marques, A. R., Neto, C., Pereira, B. e Angulo, Juan (2005). *Bullying no contexto escolar: jogo e estratégias de intervenção*. *Cinergias*, 6 (1), 81-95. (Brasil)
- Neto, C. (1992). The present and future perspectives of the play and playgrounds in Portugal. *In Ludens*, 12, ¾, 83-89.
- Neto, C. (1994). A criança e a actividade desportiva. *Horizonte* , 10(60): 203-206.
- Neto, C. (2007). *A Criança e o Jogo: Perspectivas de Investigação*. Lisboa: Edição Faculdade de Motricidade Humana. (<http://www.fmh.utl.pt/Cmotricidade/dm/textoscn/acriancaejogo.pdf>)
- Olweus, D. (1993). *Bullying at School. What we know and What we can do*. Oxford, Blackwell.
- Pellegrini, A. (1995). *School Recess and Playground Behavior*. Albany: State University of New York.
- Pereira, B. O., Neto, C. & Smith, P. (1997). Os Espaços de Recreio e a Prevenção do *Bullying* na escola. In Neto, C. (Ed.). *Jogo & Desenvolvimento da Criança*. Lisboa. Edições FMH-UTL, 238-257.
- Pereira, B., Neto, C., Smith, P. K. & Angulo, J. C. (2002). Reinventar los espacios de recreo. Prevenir los comportamientos agresivos. *Cultura y Educación*, 14 (3), 297-311.

Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L. & Smith, P. K. (2004) *Bullying in Portuguese schools. School Psychology International*, 25 (2) 207-222. <http://hdl.handle.net/1822/6094>

Pereira, B. O. (2002). Espaços de lazer para a infância na Região Norte: Sub-regiões Alto Trás-os-Montes e Minho-Lima. Ministério das cidades, Ordenamento do Território e Ambiente e Comissão de Coordenação da Região do Norte (CCRN).

Pereira, B. O. (2008). *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. (1.^a edição, 2002) Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. Ministério da Ciência e da Tecnologia. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas.

Santiago, R. A. (1996). *A Escola Representada pelos Alunos, Pais e Professores*, Aveiro, Universidade de Aveiro

Whitney, I. & Smith, P. K. (1993). A Survey of the Nature and Extent of *Bullying* in Junior/Middle and Secondary Schools, in *Educational Research*, 35, 1, 3-25.